

MVELO: CORPO-VOZ-FEMININO NO ROMANCE *SEM GENTILEZA* (2016), DE FUTHI NTSHINGILA

MVELO: FEMALE BODY-VOICE IN THE NOVEL *SEM GENTILEZA* (2016), BY FUTHI NTSHINGILA

Patrícia PINHEIRO-MENEGON¹

Resumo: Fazer uma análise literária atentando às tendências da literatura de determinado período histórico ou país é, comumente, uma tarefa complexa. Não obstante, essa complexidade se amplia quando temos um mote, em constante circunscrição dentro dos Estudos Literários, como a Literatura de Autoria Feminina. Sem desconsiderar a variedade de estilos, conceitualmente, sobre tal vertente e suas múltiplas especificidades em termos de discurso, acordou-se afirmar que a Literatura de Autoria Feminina incidiria em obras perpassadas pela ‘vivência da mulher’ e como a sua identidade molda sua ótica sobre o mundo. Objetivamos refletir acerca da representação do corpo-voz feminino da personagem Mvelo, no romance *Sem Gentileza* (2016), de Futhi Ntshingila, bem como conjecturar acerca da escrita de Autoria Feminina na África do Sul sob a égide dos estudos pós-coloniais. Metodologicamente, esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico com uma abordagem analítico descritiva, com viés fenomenológico, de aspectos que julgamos pertinentes, como: o lugar da mulher negra na sociedade, a vulnerabilidade social, invisibilidade e violência contra as mulheres durante e pós-regime do *Apartheid*. Como fundamentação teórica, este trabalho revisitará teóricos como Xavier (2021), Pereira (2012), Mbembe (2016), Hill-Collins (2020, 2022), Hooks (2020), entre outros. A partir do recorte investigado, é possível prever que há algumas tendências, entre elas, uma caracterizada pela presença do corpo-voz feminino e outra centrada na questão social, em que as mulheres tecem suas próprias histórias baseadas suas memórias.

Palavras-chave: Corpo-voz feminino; Futhi Ntshingila; autoria feminina negra; violência; contemporaneidade.

Abstract: It is often a complex task to carry out a literary analysis while paying attention to the literary trends of a given historical period or country. However, this complexity is amplified when we have a theme that is constantly being circumscribed within Literary Studies, such as Women's Literature. Without disregarding the variety of styles, conceptually, about this strand and its multiple specificities in terms of discourse, it is a consensus that Women's Literature would focus on works permeated by the 'experience of women' and how their identity shapes their view of the world. We intend to reflect on the representation of the female body-voice of the character Mvelo in the novel *Sem Gentileza* (2016) by Futhi Ntshingila, as well as to conjecture about the writing of female authorship in South Africa under the aegis of post-colonial studies. Methodologically, this is a qualitative, bibliographical study with a descriptive analytical approach, with a phenomenological bias, of aspects that we consider pertinent, such as the place of black women in society, social vulnerability, invisibility, and violence against women during and after the *Apartheid* regime. As a theoretical foundation, this work will revisit theorists such as Xavier (2021), Pereira (2012), Mbembe (2016), Hill-Collins (2020, 2022), Hooks (1995, 2020), among others. Based on the section investigated, it is possible to predict some trends, including one characterized by the presence of the female body-voice and another centered on a social issue, in which women weave their own stories based on their memories.

¹ Profa Dra em Linguagem e Ensino pela UFCG/PB. Profa da Universidade Federal do Maranhão/UFMA. patricia.menegon@ufma.br

Keywords: Female body-voice; Futhi Ntshingila; black female authorship; violence; contemporaneity.

Introdução

Considerando a complexidade que há quando se objetiva pesquisar e estudar acerca da Literatura de Autoria Feminina, sobretudo quando temos um mote de insurgente reflexão como a literatura escrita por mulheres negras, essa complexidade se amplia um pouco mais. Na contemporaneidade, os estudos culturais têm possibilitado que pesquisadores e estudiosos revisitem conceitos e teorias eurocêntricas, permitindo um olhar que enfatize as literaturas ditas ‘à margem’.

Entretanto, sem desconsiderar a variedade de estilos, conceitualmente, sobre tal vertente e suas múltiplas especificidades em termos de discurso, acordou-se afirmar que a Literatura de Autoria Feminina incidiria em obras perpassadas pela ‘vivência da mulher’, ressaltando como a sua identidade molda sua ótica sobre o mundo.

Nessa perspectiva, buscamos refletir acerca da representação do corpo-voz feminino da personagem Mvelo, no romance *Sem Gentileza* (2016), da escritora sul-africana Futhi Ntshingila, bem como acerca de alguns elementos que compõem essa narrativa, como a latente violência que perpassa a vida dessa personagem-protagonista e sua luta-resistência por sua sobrevivência.

Na contemporaneidade, considerando a atual conjuntura, torna-se imprescindível, a leitura de produção literária feminina, pois a literatura de autoria feminina tem se evidenciado como objeto de pesquisa nas últimas décadas, havendo nela a presença, marcadamente, de personagens femininas negras que permeiam as narrativas e a emersão de escritoras negras, que, por meio de suas tessituras insubmissas, intentam ressignificar o ‘cânone literário’ nos mais variados contextos sociais e culturais. Assim, ponderamos ser pertinente, nesse contexto, conjecturar, também, acerca da escrita de Autoria Feminina na África do Sul, sob a égide dos estudos pós-coloniais.

Debruçamo-nos, nesta pesquisa de cunho bibliográfico com uma abordagem analítico descritiva e viés fenomenológico, a refletir acerca de aspectos que julgamos pertinentes, no romance *Sem Gentileza*, de Futhi Ntshingila, como: o lugar da mulher negra na sociedade, a vulnerabilidade social, invisibilidade e violência contra as mulheres durante e pós-regime do *Apartheid*. Buscamos, para ancorar as nossas discussões neste trabalho, alguns teóricos que serão revisitados, como Xavier (2021), Pereira (2012), Mbembe (2016), Hill-Collins (2019), Hooks (1995), entre outros.

A partir do recorte investigado, é possível prever que há algumas tendências da literatura de determinado período histórico ou país, e que, embora seja complexa a tarefa de caracterizá-las, trazemos duas: uma caracterizada pela presença do corpo-voz feminino; outra centrada na questão social, em que as mulheres tecem suas próprias histórias baseadas suas memórias e experiências. Mas, antes de adentrarmos às discussões e análises, consideramos pertinente trazer elementos acerca da escritora sul-africana Futhi Ntshingila e suas produções literárias. Segue abaixo uma imagem dela:

Foto 1 - Foto da escritora Futhi Ntshingila



Fonte/Foto: Guilherme Santos / Sul21.com

Futhi Ntshingila: Tessitura (po)ética² forjada pelo ‘sangramento’ no *Apartheid*

A escritora Futhi Ntshingila nasceu no ano de 1974, na capital da província de KwaZulu-Natal, em Pietermaritzburg – cidade com 70% da população, composta por negros, sendo que 57% de etnia Zulu –, na África do Sul. Ntshingila é formada em Jornalismo, Teologia e Inglês, fez mestrado em Resolução de Conflitos e busca colocar em prática as suas ideias no escritório da presidência de seu país, a África do Sul.

Atualmente, Ntshingila vive na Pretória, a capital Executiva da África do Sul e sede do governo. Ela vem de uma família de cinco filhas mulheres, em que o pai era o único homem da casa. É exercendo a profissão de jornalista que vivencia a realidade social de pessoas de diversas idades, gênero e classe. Desse modo, cremos que o fato de ter feito

² Adotamos, para este trabalho, a grafia (po)ética por entender que ela reflete duas perspectivas pertinentes para a pesquisa. A saber: uma crítico-social, por abarcar em seu escopo produções literárias ‘insubmissas’, e a perspectiva da ‘escrevivência’ como tessitura que conecta experiências, histórias e memórias.

mestrado em Resolução de Conflitos tanto a aproximou de sua atual profissão quanto a motivou para escrever, a partir de uma tessitura (po)ética forjada pelos ‘sangramentos’ do *Apartheid*.

Principalmente quando traz para o centro de suas narrativas enredos em que suas personagens-protagonistas são, prioritariamente, mulheres negras sul-africanas vivendo diversos dramas e, sobretudo, violências várias, como: violência doméstica, física, psicológica institucionais, “que vivem às margens da sociedade e que passam por dilemas colossais. [...] As suas vozes são importantes” (Ntshingila, 2016, p. 5).

Considerando a escritora Futhi Ntshingila ainda pouco divulgada no Brasil, tendo apenas um romance de sua produção literária traduzido para a língua portuguesa, houve um pouco de dificuldade para encontrar informações pertinentes acerca de sua vida e obra. De tal modo, que se torna fundamental compartilhar neste primeiro tópico um pouco de suas histórias e percepções de vida encontradas a partir do registro de uma entrevista concedida à repórter Fernanda Canofre, do *Jornal Sul21*, quando Ntshingila esteve no Brasil pela primeira vez, em novembro de 2016, visitando a Feira do Livro de Porto Alegre.

Nessa entrevista, a escritora Futhi Ntshingila relata acerca os seus primeiros vinte anos de vida, em que a única realidade que conheceu foi a do regime de segregação racial – *Apartheid* – que condicionou a sua vida, de sua família e de todos os demais habitantes de seu país por mais de três décadas e da história de mulheres que conseguiam seguir em frente:

Eu tinha 21 anos quando pudemos votar pela primeira vez. Era bem difícil, mas eu tive uma família que me fazia sentir como se isso fosse normal. Era um meio de sobrevivência, eles tinham de me fazer sentir como se esse fosse o jeito que as coisas são. Mas conforme você vai crescendo, você começa a perceber que algo está errado e algo está errado com o que está acontecendo. Quando tivemos de votar, nem sei explicar a alegria de todo mundo, nas ruas, as pessoas esperando nas filas e, finalmente, podendo votar. Eu acho que isso foi ainda mais significativo para as pessoas mais velhas, pessoas da geração do meu pai, por exemplo. Para nós foi incrível, foi excitante, mas para eles era algo emocional, sabe? Foi uma época muito emocionante. Acho que todos os países que passaram por algo parecido têm isso. É um sentimento quase indescritível, depois que passa, é como se você não pudesse acreditar em como as coisas eram até então (Ntshingila, 2016).

Percebemos, por meio dessa descrição da escritora Futhi Ntshingila, como foi difícil crescer em meio a uma sociedade legalmente dividida, onde brancos e negros não poderiam estar juntos, onde pessoas eram separadas por etnia. Segundo Pereira, pensar

na África do Sul significa “considerar que o país foi marcado pela escravidão e servidão de 250 anos e pela discriminação e exploração de outros 100 anos” (Pereira, 2012, p. 23). Assim, ao ser questionada se, como participante desse contexto histórico em seu país, ela via essa separação por etnia, definida de maneira consciente, Futhi responde:

Eu acho que porque você cresce no meio do seu próprio povo, no seu próprio ambiente, você meio que foca nisso. Você foca que isso é um “anormal-normal”. É difícil, mas não era algo que eu sentia todos os dias porque íamos para uma escola que não havia ninguém de outra raça, só nós; íamos para igrejas onde não havia nenhuma outra raça, só nós. E de alguma maneira esquisita, ainda é assim. Ainda estamos separados. As leis dizem que você pode morar onde você quiser, mas as pessoas escolheram viver onde sempre viveram. Então, é algo que segue, mas de uma maneira diferente agora. As pessoas estão fazendo escolhas, mas na verdade muitas delas nem têm escolhas, porque você também precisa ter dinheiro para viver em áreas mais influentes. Se você não tem esse dinheiro, a escolha é feita por você. Por isso, ainda vivemos basicamente da mesma forma que era durante o *Apartheid*. O que é triste (Ntshingila, 2016).

Embora saibamos que o regime do *Apartheid* fora abolido a partir de 1994, contudo, muitas transformações ainda não se estabeleceram, vinculando à ideia e, sobretudo, ao comportamento de segregação entre negros e brancos. Em sua fala, Ntshingila sugere que, apesar da aparência de liberdade e escolha, muitas pessoas são, na verdade, restringidas por fatores socioeconômicos que limitam suas opções e oportunidades.

Especificamente, ela destaca como as restrições financeiras podem reduzir severamente a capacidade de uma pessoa de fazer escolhas, como onde morar ou quais oportunidades buscar. Nesse contexto, os indivíduos que não dispõem de recursos financeiros para acessar áreas mais influentes ou desejáveis são efetivamente limitados em suas escolhas, pois o custo de vida nessas áreas é limitante. Como resultado, suas escolhas geralmente são ditadas por suas circunstâncias financeiras, e não por suas preferências ou aspirações.

Nessa perspectiva, entre suas produções literárias, estão as publicações de três romances: *Shameless* (2008), ainda sem tradução no Brasil, esta obra representa a sua estreia como romancista; *Do not go gentle* (2014) – *Sem Gentileza*, único romance da sul-africana traduzido no Brasil; e o terceiro e último lançado no Brasil, *They got to you too* (2021). Esse último teve o lançamento no segundo semestre de 2023, no mês de outubro. Entre as suas produções, há ainda um conto: *We Kiss Them with Rain* (2018). Das quatro obras de Futhi Ntshingila lançadas, tivemos acesso a apenas dois romances.

Desse modo, compreendemos que, produzindo suas obras a partir de temáticas tão pertinentes ao universo feminino, Futhi Ntshingila vem se consagrando como pertencente a uma geração de novas autoras sul-africanas que têm conquistado gradativamente espaços ocupados, anteriormente, por grandes escritoras, como Nadine Gordimer e outros premiados, como J. M. Coetzee.

Buscando contextualizar esse pensamento, ressaltamos que a escritora sul-africana foi vencedora do *Sharjah Int'l Book Fair Best International Fiction Award*³ 2022, recebendo o prêmio pelo seu terceiro romance, *They got to you too* (2021).

Literatura de Autoria Feminina: Sul-africana-negra contemporânea

Sabemos que, no que tange às mudanças e processos históricos pelos quais passamos, o capitalismo promove a manutenção dos silenciamentos históricos, enquanto há outro paralelamente, de globalização, como aponta Boaventura Sousa Santos: uma globalização contra a hegemonia que implica, de acordo com o autor, em “conjuntos diferenciados de relações sociais” (Santos, 1997, p. 112). Essa globalização, contudo, do tipo contra a hegemonia, estabelece-se a partir da apropriação dos meios de globalização por indivíduos ditos ‘marginalizados’, considerados por muito pensadores contemporâneos como uma globalização de baixo para cima.

Nesse contexto, no que concerne a indivíduos que têm seus discursos postos à ‘margem’, a Literatura de Autoria Feminina, sobretudo negra, faz-se insurgente na contemporaneidade. Sem desconsiderar a variedade de estilos, conceitualmente, sobre tal vertente e suas múltiplas especificidades em termos de discurso, convencionou-se estabelecer que sua essência é composta por tessituras perpassadas pela ‘vivência da mulher’. Assim, conforme assevera Lúcia Osana Zolin (2019),

[t]omando com elemento [...] a ótica da alteridade e da diferença, muitos historiadores literários começaram a resgatar e a reinterpretar a produção literária de autoria feminina, numa atitude de historicização que se constituiu como resistência à ideologia que historicamente vinha regulando o saber sobre a literatura. Trata-se de promover a desestabilização de paradigmas estabelecidos e saberes instituídos (Zolin, 2019, p. 319).

³ *Sharjah International Book Fair* é uma feira internacional de livros que ocorre durante 11 dias, realizada em Sharjah, Emirados Árabes Unidos. Sua edição de estreia aconteceu em 1982, com o patrocínio de Sua Alteza Dr. Sheikh Sultan Bin Muhammad Al-Qasimi, membro do Conselho Supremo dos Emirados Árabes Unidos.

Embora ao longo do tempo essa ideologia seja a ‘força’ que dita como a literatura deve ser compreendida e estudada, entretanto, cabe à literatura de autoria feminina negra recusar ou contestar essa ideologia prevalecente que influencia a interpretação da literatura. Assim, julgamos pertinente ressaltar que as escritoras negras, produtoras na contemporaneidade de literatura de autoria feminina negra, têm conquistado espaço antes considerado ‘canônico’ e, sobretudo, têm desestabilizado alguns paradigmas e saberes estabelecidos, por meio de sua tessitura que objetivamente incentiva, questiona e subverte normas historicamente instituídas, reverberando, desse modo, em uma reconfiguração ou renovação no entendimento literário e, principalmente, nas suas tessituras (po)éticas. Considerando essas constantes mudanças, Lúcia Osana Zolin (2019) preceitua que

[o] novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência das mudanças fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse status quo. De um lado, a crítica literária, antes do domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos termos da rejeição e do escândalo (Zolin, 2019, p. 320).

Essa citação de Zolin (2019) nos faz evidenciar que o ‘novo lugar que a mulher passa a ocupar’ é bastante emblemático, no sentido de se mostrar um lugar de ‘resistência’. Podendo, a partir de então, envolver a introdução de novas perspectivas críticas, a valorização de vozes marginalizadas ou a reinterpretção de textos literários sob uma luz diferente da tradicional. Em essência, é exatamente a representatividade da literatura de autoria feminina, sobretudo a negra.

Uma literatura que permite abrir espaço para uma a sua plurissignificação e diversidade de interpretações e entendimentos literários, além dos que foram historicamente estabelecidos, reformulando estereótipos e, ao mesmo tempo, reafirmando novos marcadores numa perspectiva estética afrodiaspórica expressiva que podemos identificar “como decoloniais”, segundo (Mignolo, 2010). Embora saibamos da existência de uma multiplicidade de significados para palavra ‘decolonial’, a empregamos aqui com a ideia semântica de refletir experiências que falem de sujeitos e modos de vida que não atuam no regime de uma colonialidade de poder, quer seja ele sócio cultural, político, estético ou subjetivo.

Nessa perspectiva, com um olhar mais arguto às diferenças, e tentando captar nuances entre os diversos discursos no que tange à produção literária de autoria feminina sul-africana, inferimos que, por ser uma literatura comprometida em evidenciar as

negligências histórico sociais do povo sul-africano, e principalmente as mazelas sofridas pelas mulheres negras nos mais diversos âmbitos, o momento pós-*Apartheid* surge como uma pertinente necessidade de se promover uma nova ordem política, considerando os direitos e garantias do povo sul-africano através da cultura.

É nesse contexto que está inserida a escrita de Futhi Ntshingila e, além disso, propaga-se uma filosofia bastante pertinente para o povo sul-africano, que tem como prerrogativa uma transformação da sociedade, com o intuito de promover uma convivência harmoniosa e mais compassiva entre membros de uma mesma comunidade. Com isso, imprimindo a necessidade de recuperar as vivências culturais silenciadas pelo sistema colonial e demais regimes opressores, anteriormente estabelecidos.

Essa visão altruísta e comunitarista de filosofia e ética, muito difundida e praticada na sociedade sul-africana, denominada historicamente de Ubuntu, é sinalizada por Futhi Ntshingila, quando das suas produções literárias, a partir de vários aspectos, dentre os quais destacam-se a herança da ancestralidade na contação de histórias orais, experiência de vida como fator motivador para o desenvolvimento de uma escrita literária, a força da resiliência feminina forjando uma comunidade que luta com resistência por sua sobrevivência. Desse modo, refletimos sobre esse conceito a partir das palavras do arcebispo Desmond Tutu (2019), ao prefaciá-lo livro *Ubuntu todos os dias: Eu sou porque nós somos*, de sua neta Mungi Ngomane (2022):

Ubuntu é um conceito que, em minha comunidade, é um dos aspectos mais fundamentais para se levar a vida com coragem, empatia e conexão. Um conceito que conheço desde sempre. [...] entendi que ser conhecido por possuir Ubuntu era um dos maiores elogios que alguém poderia receber. Nós éramos incentivados a demonstrá-lo em nossas relações com familiares, amigos e desconhecidos, na mesma proporção. Eu sempre afirmei que o conceito e a prática do Ubuntu são um dos maiores presentes da África para o mundo (Ngomane, 2022, p. 8).

O pensamento do arcebispo, “ser conhecido por possuir Ubuntu”, faz-nos evidenciar a importância que tem uma pessoa demonstrar empatia, compaixão e humanidade para com seus semelhantes. A reflexão ressalta sobremaneira a grandeza que é para nós, seres humanos, termos essas qualidades. Se assim fora, seremos considerados detentores de “um dos maiores elogios”, pois o ser humano que tem Ubuntu reflete um caráter que valoriza e respeita as relações humanas. O respeito, a compaixão, a empatia e a humanidade nas relações sociais não se limitam apenas às interações com familiares e amigos, mas devem ser praticados igualmente com desconhecidos: como “um modo de

existir capaz de transformar o mundo em um lugar melhor e mais amoroso” (Ngomane, 2022, p. 9).

Mvelo, corpo-voz-feminino no romance *Sem Gentileza* (2016), de Futhi Ntshingila

Considerando os elementos força e resiliência feminina presentes nas produções literárias da escritora sul-africana Futhi Ntshingila, trazemos às análises descritivas com viés fenomenológico, aspectos que julgamos pertinentes, como a vulnerabilidade-invisibilidade social e a violência contra a mulher. Assim, refletindo a partir da perspectiva do corpo-voz-feminino, em particular, da mulher negra, no romance *Sem Gentileza* (2016), evidenciamos a luta com resistência pela sobrevivência da personagem-protagonista Mvelo.

Assim, analisando sob um viés historiográfico, os colonizadores brancos, ao chegarem na África, inferiorizaram e oprimiram os povos africanos subjugando seus corpos, que sofreram e ainda sofrem até os dias de hoje múltiplas violências resultantes dos processos que estes viveram ao longo dos séculos. Tudo isso se deu devido aos colonizadores julgarem os colonizados africanos inferiores pela perspectiva de gênero, a mulher africana. Esse fato nos remete aos pensamentos de bell hooks (1995), em sua imprescindível obra *Intelectuais Negras*, quando preceitua:

O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural orgânica mais próxima da natureza animalística e primitiva (Hooks, 1995, p. 468).

As palavras de bell hooks nos fazem evidenciar como, desde a época da escravidão até os dias atuais, o corpo das mulheres negras tem sido visto pelos ocidentais de uma maneira estereotipada e desumanizante. Dessa forma, associando o corpo da mulher negra a uma suposta proximidade com aspectos considerados ‘animais e primitivos’, explicitando em sua reflexão uma visão desumanizadora e extremamente racista.

Sob essa égide, discutiremos, por meio desta análise, aspectos vinculados à violência contra a mulher, através do corpo-voz-feminino da personagem-protagonista Mvelo, em *Sem Gentileza* (2016), de Futhi Ntshingila, objetivando evidenciar algumas tendências, entre elas: uma caracterizada pela presença do corpo-voz feminino em busca

de interrupção do silenciamento; outra centrada na questão social, em que as mulheres tecem suas próprias histórias baseadas suas memórias.

No que concerne a reflexão do corpo-voz-feminino, debruçamo-nos em conjecturar acerca do corpo e suas representações, a partir da estudiosa Elódia Xavier (2007) e sua obra *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, quando ela traz em seu desígnio uma classificação bastante pertinente para os corpos em representados em 10 categorias, a saber: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo imobilizado, corpo envelhecido, corpo refletido, corpo violento, corpo degradado, corpo erotizado e corpo liberado. Sendo assim, Elódia Xavier (2007) vê os corpos

[m]ais em sua concretude histórica do que na sua concretude simplesmente biológica, evitando a todo o custo, o essencialismo ou categorias universais. Existem apenas tipos específicos de corpos, marcados pelo sexo, pela raça, pela classe social e, portanto, com fisionomias particulares. Essa multiplicidade deve solapar a dominação de modelos, levando em conta outros tipos de corpos e subjetividades (Xavier, 2007, p. 22).

Buscando não perder o foco desta análise, elegemos para este recorte analítico o corpo subalternizado⁴, pois, quanto à essa representação de subalternização, consideramos que, no romance *Sem Gentileza*, há muitas mulheres negras que ocupam um lugar à margem da sociedade, quer seja no âmbito profissional, familiar ou religioso, ou seja, um corpo-voz-feminino subalternizado. Diante dessas constatações, e com o intuito de construir uma visão mais ampla, percebemos que há na composição da personagem-protagonista, Mvelo, um expressivo corpo subalternizado, uma vez que na narrativa ela passa por situações vulnerabilidade e invisibilidade social e, sobretudo, extrema dor causada por brutal agressão que sofre. Não são poucas as mazelas sofridas por Mvelo, ao longo da narrativa. Como descreve Futhi Nstthingila (2016),

[M]velo era jovem, mas sentia-se velha como um sapato gasto. Tinha quatorze anos, com a cabeça de uma mulher de quarenta. Havia parado de cantar. Para o bem da sua mãe, tentou ao máximo manter o otimismo, mas sentia a esperança escapar como um peixe de suas mãos. [...] Quando ela cantava não sentia medo algum. Viajava para um mundo onde não havia doença. Cantava para se livrar do buraco frio e úmido que chamavam de lar, cantava para se livrar da fome, da enfermidade e das dores (...) (Nstthingila, 2016, p. 7, 13).

⁴ Adotamos a terminologia “subalternizado” no lugar de “subalterno” como uma escolha ponderada, considerando que o sujeito não escolhe ter essa posição na estrutura social.

A escritora enfatiza que o ato de cantar funcionava para Mvelo como uma forma de escape e alívio para o corpo-voz frágil e debilitado da menina, ajudando-a a lidar com as condições difíceis e opressivas de sua vida. Servia como uma fuga da dura realidade de viver em um lugar desconfortável e insalubre, descrito metaforicamente como um “buraco frio e úmido”, onde habitava aquele corpo. O ato de cantar funcionava também uma maneira de esquecer ou tentar superar a fome, as doenças e as dores físicas e emocionais.

Desse modo, vemos um corpo-voz subalternizado que canta como uma forma de resistência e luta por sua sobrevivência. Em momentos como esse, seu corpo recebe por meio das canções que entoa conforto e alívio em meio às adversidades. Assim, buscando sintetizar o romance, e com o intuito de situar o leitor na análise desta narrativa, demos relevo ao segundo capítulo por julgá-lo o cerne de toda a obra. Considerado este um capítulo de ruptura, dor e danos – ‘sangramentos impossíveis’ de serem reparados, acarretando para o corpo-voz da protagonista momentos de transformação significativa em sua vida. E, mesmo quando tudo parece ainda mais caótico, ela rezava do seu jeito, diferente das outras pessoas, mas principalmente dentro dos moldes litúrgicos:

Bom, o que eu posso dizer, Virgem Maria. Nós, os esquecidos, nós reviramos o lixo atrás de migalhas para aguentar o dia e aquietar o ronco no nosso estômago. Nós estamos armados com os antirretrovirais para encarar o incansável inimigo sem rosto que deixou muitos de nós sem a nossas mães. Nós, os esquecidos, sabemos que segunda-feira é dia de lixo (Ntshingila, 2016, p. 9).

Na citação acima, a personagem apresenta tudo o que realmente sente e vê em sua vida. São noções que nos fornecem vários significados e, acima de tudo, evoca um sentido de dificuldade, luta-resistência à situação de marginalizados. Nesse momento, quando a personagem, dirigindo-se à Virgem Maria, apela a um poder transcendental, buscando consolo, proteção às circunstâncias em que vivem mãe e filha, percebemos – apesar de se sentir negligenciada pela sociedade –, enfrentando a pobreza, doença, dificuldades na sobrevivência diária; há nela um sentimento de esperança.

Quando, em sua prece, fala sobre o fato de ter que ‘revirar o lixo’, ela evidencia seu ato desesperador do seu corpo-voz subalternizado à procura incessante pelo sustento, sem medir esforços pela sobrevivência, mesmo que isso signifique procurar restos no lixo. Entendemos que o fato de definir as segundas-feiras mostra ao leitor que essa luta é

contínua, como uma espécie de ciclo de privação que reflete em luta-resistência das mais adversas circunstâncias.

Sob essa égide, é imprescindível elucidar que, no que concerne a tessitura (po)ética da escritora sul-africana Futhi Ntshingila (2016), entendemos que, ao longo de sua narrativa, ela utiliza esteticamente um estilo próprio como forma de escrita e descrição – de variados tipos de violência pelas quais as personagens-protagonistas passam, sobretudo, a violência contra a mulher –, a qual inferimos que, ao mesmo tempo que nos causa angústia-assombro, suscita-nos também uma admiração, pelo seu sutil toque de perspicácia. De acordo com nossa percepção, ressaltamos que o estilo com o qual a escritora Futhi Ntshingila (2016) descreve a violência na obra *Sem Gentileza* se destaca pela forma (po)ética com que nos mostra a crueldade do cotidiano dos excluídos-marginalizados.

No que diz respeito à relação familiar, mãe e filha estão sempre em grande conexão, desde o partilhar do mesmo “colchão de espuma apoiado por tijolos” (Ntshingila, 2016, p. 10-11), até os sonhos mais complexos. Apesar das constantes agruras, elas têm planos, sonhos, e um deles é que Mvelo se torne uma cantora. “Houve um dia em que as duas acordaram com o burburinho de uma nova da igreja itinerante que foi montada perto da favela” (Ntshingila, 2016, p. 10). Com a chegada, na cidade, da tenda para avivamento da igreja que foi erguida perto de seu barraco, mãe e filha passam a frequentá-la, e esses momentos servem de alento em meio a tantas dificuldades silenciadas.

Nessa perspectiva, ainda envolvida pelo seu encontro com a fé, Mvelo é chamada pelo Reverendo Nhlengethwa, no último dia de avivamento para ir à sala dele (nos fundos da igreja), porque o Reverendo havia dito que Mvelo precisava das suas orações para se fortalecer com o espírito santo, para que assim o seu dom pudesse fluir. E, lá, na privacidade da sua improvisada sacristia, ele leu algumas passagens da Bíblia para Mvelo e começou a rezar por ela. O que vem depois é aterrorizante, desolador e incomensurável. Conforme descreve Futhi Ntshingila:

Ele a abraçou carinhosamente. Seu gesto gentil a fez lembrar de Siphó, a única figura paterna que conhecera. O gesto trouxe de volta toda a dor que ela precisou suportar durante os dois últimos anos. [...] Ela deixou a cabeça repousar em seu amplo peito, um sinal que ele interpretou como consentimento. [...] As mãos dele foram ágeis, encontrando logo o que queriam. Lançou-se sobre ela de uma forma desenfreada e brutal, estilhaçando seu mundo de ilusões. Seu olhar e sua inocência haviam desaparecido. Deflorada e destruída. [...] Um fio da cor da vida deixou Mvelo pelas coxas até cair no assoalho. Um iceberg se formou em seu peito, congelando suas lágrimas e seu coração (Ntshingila, 2016, p. 17-18).

A noção metafórica usada para descrever a intensidade emocional, a vulnerabilidade ou a dualidade crueza-poeticidade se faz presente no romance de Ntshingila (2016), ao fazer a descrição do estupro que sofre o corpo da personagem-protagonista. Ao utilizar os termos “deflorada e destruída”, a autora remete o leitor, primeiramente, à ideia de perda da virgindade, implicando em um ato forçado e violento, o estupro. E, em seguida, à grave devastação emocional, psicológica e física que Mvelo experimenta como resultado do estupro. Uma perda brutal da inocência e uma sensação avassaladora de violação e ruína, cujo impacto intenso da agressão sobre aquele corpo-voz subalternizado resulta em uma gravidez precoce.

“Um fio da cor da vida deixou Mvelo pelas coxas até cair no chão” (Ntshingila, 2016, p. 18), mais uma vez a intensidade emocional, ou a dualidade crueza-poeticidade se faz presente na tessitura (po)ética de Ntshingila (2016) ao narrar com detalhes, sutis-cruéis, o ato abominável e violento ocorrido com o corpo da mocinha-protagonista. Sob nossa ótica, o “fio da cor da vida” (Ntshingila, 2016, p. 18) se refere concretamente ao sangue como orgânico e vital. O sangue que é, comumente, considerado a essência da vida. Metaforicamente, ao descrevê-lo como “a cor da vida”, Ntshingila (2016) ressalta a sua importância vital para o seu corpo de menina pura.

Contudo, essa metáfora nos permite expandir outras interpretações, como simbolizar vitalidade, ou até mesmo o ciclo da vida, assim como evocar sentimento de perda, quando a escritora descreve “deixou Mvelo pelas coxas” (p.18), nos fazendo enxergar à imagem do corpo da menina sangrando na área genital, como consequência direta da violenta agressão sexual que sofreu. Assim, entendemos o “cair no chão” (p.18) como um término, cuja carga semântica nos traz à perda de algo vital. Evidenciamos, portanto, um momento de intensidade emocional com imensurável tristeza e dor.

Na obra de Futhi Ntshingila (2016), é possível admirar mulheres-negras muito fortes como as personagens-protagonistas: Zola e Mvelo. Conhecemos, por meio do romance, suas origens, angústias, dificuldades, medos e a força necessária para sobreviver em um ambiente que persiste em insurgir contra elas. A citação acima traz também ao conhecimento do leitor a figura de um reverendo, que, supostamente é uma figura de confiança na comunidade.

Contudo, ele se aproveita de sua posição de poder e manipula Mvelo monstruosamente, deixando explícito que a compreensão social da masculinidade pode ser influenciada por noções tradicionais de papéis de gênero e dinâmicas de poder, o que

pode obscurecer perspectivas mais matizadas e equitativas. Esse contexto remete à afirmação da escritora Virginie Despentes (2016), quando preceitua que

[o] estupro, ele é próprio do homem; não a guerra, a caça, o desejo cru, a violência ou a barbárie, mas justamente o estupro. [...] A mística masculina é construída como sendo naturalmente perigosa, criminosa, incontrolável por natureza. [...] Por detrás do véu de controle da sexualidade feminina aparece o objetivo principal dessa política: formar o caráter viril como associal, pulsional, brutal. E o estupro serve como meio para afirmar essa constatação: o desejo do homem é mais forte do que ele, o homem não pode dominá-lo. [...] os discursos sobre a questão da masculinidade se encontram esmaltados com resíduos de obscurantismo. [...] O estupro, esse ato condenado do qual não se deve falar, sintetiza um conjunto de crenças fundamentais que dizem respeito à virilidade (Despentes, 2016, p. 42-43).

Segundo a romancista francesa Despentes (2016) sugere, o estupro é visto como uma manifestação do desejo masculino que se sobrepõe ao seu controle racional. Implica dizer que o ato de estupro é certamente motivado por um senso de direito e poder sobre o outro, em vez de um processo racional de tomada de decisão.

A citação acima destaca a ideia de que os desejos dos homens sobrepõem sua capacidade de controlar suas ações, reforçando uma narrativa da masculinidade como inerentemente dominante e incontrolável. Nessa acepção, o estupro, elemento que está inserido na ‘mística masculina’ de irrefreável virilidade, ocorre, na igreja, após um culto, quando o reverendo pede à jovem que vá à sacristia para rezar e conversar sobre o seu sonho de cantar. Uma vez sozinho com Mvelo, o Reverendo Nhlengethwa a estupra.

Ele, homem usando da arte de dominação a ele atribuída, enquanto a jovem garota dominada, de modo inconsciente se ‘rende’ à realidade imposta, por mais violenta que ela seja. O ato de estuprar incorpora certas crenças sobre o que significa ser homem, como domínio, poder e controle sobre o outro. A autora Virginie Despentes (2016) alerta, em sua obra *Teoria King Kong* (2016), acerca da imprescindibilidade de a vítima superar o ocorrido. No entanto, ela ressalta que a melhor forma de superar não é esquecendo o fato, e sim lidando com o mesmo. Nesse aspecto, remetemos a uma importante reflexão proposta pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2006), quando considera que

[a] dualidade da violência aberta, física, e da violência simbólica mais refinada, encontra-se em todas as instituições [...] e no próprio âmago de cada relação social: ela está presente tanto na dívida, quanto na dádiva, que apesar de sua oposição aparente, têm em comum o poder de servir de fundamento tanto à dependência, e, até mesmo à servidão, quanto à solidariedade [...] A violência simbólica, violência invisível, desconhecida como tal, a da confiança, da obrigação, da fidelidade pessoal, da hospitalidade, da dádiva, do reconhecimento, da compaixão, de todas as virtudes às quais, em uma palavra,

presta homenagem amorosa da honra, impõe-se como o modo de dominação. (Bourdieu, 2006, p. 206-207).

A atitude do Reverendo Nhlengethwa de estuprar Mvelo, no último dia de avivamento, serve como uma manifestação de masculinidade tóxica, que perpetua as crenças prejudiciais e as dinâmicas de poder, contribuindo para a violência e a desigualdade baseadas no gênero. Entendemos ainda que, neste contexto religioso, o estupro é considerado como uma violência instituída e legitimada historicamente, ‘no próprio âmago de cada relação social’. Essa manifestação violenta é o que Pierre Bourdieu (2014) denominou violência simbólica, e ‘encontra-se em todas as instituições,’ sendo a igreja incluída enquanto instituição social.

De acordo com as ideias do sociólogo, a violência simbólica é aquela estabelecida a partir das relações de confiança, como no caso do reverendo e Mvelo. Isto é, uma manifestação violenta que ocorre a partir da “ação poderosa por se exercer, [...] através da insensível familiarização simbolicamente estruturada e da experiência de interações permeadas pela dominação” (Bourdieu, 2014, p. 61).

As palavras de Bourdieu (2014) reforçam a ideia que uma forma de poder e dominação é geralmente exercida de maneira sutil e muitas vezes imperceptível, por meio de práticas e interações sociais que acabam se tornando ‘normais’ ou familiares ao longo do tempo, quer seja vindo de algum familiar mais próximo ou ainda de alguém do seu círculo de relações sociais.

Considerações finais

Desse modo, refletir acerca da luta dos corpos das mulheres, sobretudo as negras, por sua sobrevivência, seguindo na contramão da invisibilidade/subalternidade, seja na literatura de autoria feminina ou no próprio espaço histórico social, coaduna-se às mais diferentes formas de comportamento e práticas culturais, possibilitando ampliar tanto o conhecimento de fatos e acontecimentos relacionados às suas vidas, quanto a compreensão de suas experiências, suas histórias e memórias.

As reflexões tecidas aqui nos promovem a compreender como se dá a complexidade no que tange à representação do corpo-voz feminino da personagem Mvelo, no romance *Sem Gentileza*, de Futhi Ntshingila, como também aspectos históricos relacionados à escrita de autoria feminina negra e o processo de resistência e luta pela sobrevivência, identificando e enaltecendo suas experiências bem como os espaços da memória vividos por esses corpos-vozes, historicamente, invisibilizados e silenciados.

Sendo assim, considerando as discussões-argumentações desenvolvidas aqui neste trabalho, inferimos que a narrativa presente no romance *Sem Gentileza* não pode nem deve se limitar apenas aos ‘sangramentos’- traumas, à dor, ao sofrimento, mas, para além desse universo semântico, há uma história de luta e resistência-sobrevivência das mulheres negras na contracorrente de um regime que inviabiliza, oprime e silencia como uma espécie de estabelecimento de ordem entre os sujeitos.

Contudo, ao buscarmos dar relevo – em meio à tragédia que arrasou com os sonhos da vida de Mvelo – aos colossais dramas da personagem-protagonista, o fato de que, em vez de vê-las como mulheres sofredoras, evidenciamos um corpo-voz-menina-mulher que enfrenta os mais variados tipos de violência, intimamente relacionadas à sua classe social e espaço em que vive.

Entretanto, essas violências servem como uma espécie de ‘impulso’ ou ainda inferimos que a ‘obra exhibe uma qualidade (po)ética que mergulha nas profundezas das emoções humanas, explorando temas profundos ou abordando experiências pungentes’ e quanto ao fato de serem mulheres-negras e pobres, isso se torna ainda mais representativo.

Desse modo, mãe e filha reproduzem, inconscientemente, uma subalternidade-opressão que lhes foram impostas, sem perceber o que ocasionou tal imposição. Esse comportamento de ambas personagens pode ser explicado com as palavras de Bourdieu. Ele preceitua que as mulheres aplicam à sua realidade e, particularmente, “às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento que são produtos dessas relações de poder e que se expressam nas oposições de ordem simbólica” (Bourdieu, 2014, p. 54). As mulheres, negras ou não, foram, social e historicamente, educadas e ensinadas sob uma ótica de hierarquia de gênero.

Embora exista um processo de socialização, por meio de imposições contínuas e veladas, determinadas pelo patriarcado, tal sistema social contribuiu para que os homens acreditassem em sua superioridade em relação às mulheres, buscando subjugar-las/dominá-las, cabendo a elas aceitar como sendo um procedimento ‘natural’ e inquestionáveis. Dessa forma, há uma significativa história de (re)construção-representação de novos-corpos-vozes femininos em resistência.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Modos de dominação. In: BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

COLLINS, Patrícia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Tradução de Bruna Barros, Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

DESPENTES, Virgine. **Teoria king kong**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

HOOKS, bell. **Intelectuais Negras**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 1995.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Portugal: Antígona, 2014.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NTSHINGILA, Futhi. **Sem Gentileza**. Tradução de Hilton Moreno Lima. Porto Alegre: Editora Dublinense, 2016.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **A revolução sul-africana: classe ou raça, revolução social**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá, PR: Eduem, 2007.